

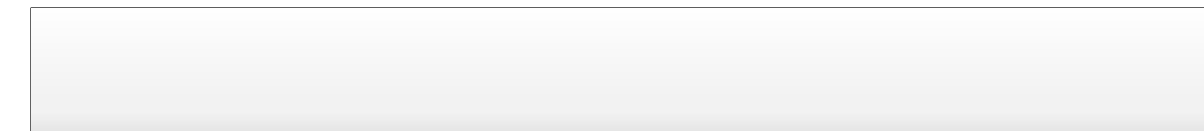


A IMPORTÂNCIA DOS MOVIMENTOS ECLESIAIS PARA O PROTAGONISMO DAS MULHERES NA IGREJA

FERNANDES, Juliane Cristina Caron¹
CANDITTO, Jaci de Fátima Souza ²

Resumo: Este artigo ressalta que os movimentos das mulheres cristãs na América Latina, especialmente no Brasil, os quais têm sido o viés de suas conquistas e avanços na reflexão de sua condição social-religiosa e, conseqüentemente, nas mudanças significativas da sua vivência da fé. Partindo de uma das dimensões fundamentais do ser humano, a crença – relação com o transcendente – as mulheres vão aos poucos redescobrimo nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) meios de transformar sua realidade. Para além de um ser humano que crê existe um ser humano que sonha vivências profundamente evangélicas pautadas no reconhecimento do outro e no direito a ser diferente sem ser desigual. O objetivo deste artigo, portanto, é estudar a importância das CEBs para as lutas das mulheres na busca do reconhecimento da sua dignidade como pessoa e entender como neste movimento eclesial foi possível as mulheres descobrir em pseudo-identidade a elas traçada pela cultura, história e religião. Ademais este estudo analisa a importância das CEBs para o protagonismo das mulheres na Igreja e identifica os limites e possibilidades do mesmo neste contexto cultural-religioso. Por fim, mostrar que na atualidade há um avanço significativo da atuação das mulheres, as quais estão paulatinamente aparecendo em muitos cenários; porém ainda existe um caminho longo a ser percorrido. A partir de artigos de revistas, livros, documentos da Igreja e da Sagrada Escritura, este artigo busca situar que os movimentos eclesiais constituem espaços privilegiados para o protagonismo da mulher na Igreja. Não se pretende elaborar uma análise exaustiva, sendo estudados, basicamente, os escritos que vêm de encontro às necessidades dessa pesquisa. O protagonismo das mulheres na Igreja e também em outras esferas tem ajudado na luta pelos seus direitos na sociedade e no reconhecimento de sua especificidade, possibilitando a justa identificação da mulher como ser humano capaz de construir, juntamente com o homem, um mundo que faça sentido.

Palavras chaves: Comunidades, Mulheres e Igreja.



¹Bacharel em Teologia pela PUCPR, e-mail: juliane_caron@hotmail.com

² Professor do Curso de Teologia da PUCPR, e-mail: j.candiotto@pucpr.br

INTRODUÇÃO

Na atualidade, as abordagens que são feitas às temáticas de cunho histórico-cultural são analisadas de forma ampla, não restringindo apenas a questões econômicas e políticas. Temas como a família, a mulher, o marginal, a sexualidade, dentre muitos outros, também são tomados como relevantes para a compreensão das mudanças significativas da realidade humana. Ao tratar da importância dos movimentos, em específico, das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), este estudo visa indicar que os mesmos, de uma maneira ou de outra, são marcados também por questionamentos sociais e culturais.

Com a presente pesquisa *A importância dos movimentos eclesiais para o protagonismo das mulheres na Igreja*, procurar-se-á ressaltar que os movimentos de mulheres cristãs na América Latina podem ser compreendidos não somente pela progressiva criação de grupos autônomos de mulheres, mas também pelos movimentos eclesiais, principalmente nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)³.

Ressalta-se que as CEBs, é o movimento por excelência da tomada de conscientização; de ‘protagonismo’ das mulheres no processo de transformações sócio-político-religiosa da sociedade latino-americana, portanto espaço de construção de uma consciência mais esclarecida da realidade, a qual é identificada como cultura patriarcal, diferente da proposta evangélica do “Reino de Deus” explicitada por Jesus Cristo. Portanto, é um movimento que busca a partir de uma reflexão cristã, uma transformação da realidade de pobreza e injustiças sociais. Numa perspectiva de gênero, questiona-se o lugar que ocupam as mulheres nas CEBs; suas motivações

³“As comunidades eclesiais de base (CEBs) são pequenos grupos organizados em torno da paróquia (urbana) ou na capela (rural) por iniciativa de leigos, padres ou bispos. (BETTO, Frei. O que é Comunidade Eclesial de Base. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 16),

na participação desses grupos eclesiais, espaços de atuação encontrados, ganhos obtidos como mulheres, desafios e dificuldades encontradas, ou seja, suas possibilidades e limites.

A opção teórico-explicativa desta pesquisa é sustentada no modo como essa temática tem sido tratada por teólogas/os e nos documentos da igreja. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, sendo que para sua realização, recorreremos a artigos de revistas, livros, documentos da Igreja e à Sagrada Escritura. O que interessa, basicamente, é situar mediante a bibliografia estudada que os movimentos eclesiais constituem espaços privilegiados para o protagonismo da mulher na Igreja. Não se pretende elaborar uma análise exaustiva, sendo estudados, basicamente, os escritos que vêm de encontro às necessidades dessa pesquisa.

MULHERES EM MOVIMENTO

Partindo do contexto histórico-cultural, pontua-se o importante papel das mulheres na Igreja remetendo-as à figura de Maria, mulher sintonizada com os problemas do mundo judaico. Os Evangelhos exaltam sua postura consciente na história do povo e seu papel na vida de Jesus. Boff (2004), dá um princípio limitativo à Maria como Membro da Igreja:

Não está fora da *Communio sanctorum*, mas dentro da Igreja, ainda que 'em primeiro lugar'(cf. Cânon romano). Da Igreja Ela é 'membro eminente, mas membro'(Sto. Agostinho). Está situada mais do lado da Humanidade que do lado da Divindade. E mesmo na estrutura ministerial da Igreja, ela não está na cúpula, mas na base. Ela não está do ao lado do Altar, mas nos bancos –no meio do Povo de Deus.(BOFF, p. 21, 2004).

Nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), as mulheres, inspiradas e fortalecidas pelo exemplo de Maria, buscam construir seu novo *status*

mediante esses movimentos periféricos da história. Assim como Maria, também entendem que “Deus olhou para a humildade de suas servas” e depois a exaltou.

Nestes movimentos e, sobretudo, nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a mulher vai percebendo a força que tem quando participa dos movimentos da história como sujeito consciente. Dentro da Igreja deve reconhecer sua participação no processo evangelizador, seja na catequese, frentes de missão, área da saúde e educação, mesmo conscientizada que o sistema patriarcal não as favorece em seu protagonismo. Daí que as comunidades eclesiais constituem num espaço de atividades que vai além da atenção e caridade para com o outro, passa a ser o espaço da reflexão sobre a realidade do povo e conseqüentemente de si mesma à luz da Palavra de Deus.

É preciso salientar que nos Evangelhos a participação das mulheres aparecem diversas vezes de forma atuante e determinante no movimento de Jesus de Nazaré. Elza Tamez (2004), em seu livro, *Mulheres no movimento de Jesus, o Cristo*, assim expressa:

no movimento de Jesus havia mulheres, e não eram poucas. As mulheres eram discípulas e, assim como os homens seguiam-no na Galiléia (Lc 8, 1-6). Jesus não fazia distinção entre homens e mulheres, pelo contrário, uma de suas características consistia em propor um modelo de vida diferente do modelo hierárquico [...], ‘entre vocês não deve ser assim’(TAMEZ, p. 10, 2004).

Segundo a mesma autora, o movimento de Jesus oferece um projeto comunitário de nova vida, na perspectiva de um compromisso na transformação pessoal e social da criação de Deus. Portanto, Jesus nos propõe a vivência comunitária da fé, por isso a importância das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) no resgate dessa dimensão comunitária na vivência do seguimento de Cristo na atualidade da Igreja Latino-Americana. Já para

REIMER & SOUZA (2012, p.4) *não era a condição social ou sexual e familiar um pressuposto para a adesão e seguimento, mas a fé e a disposição ao compromisso com o Reino de Deus, um contrassistema sócio-cultural e político-social*. A partir dos Evangelhos pode-se visualizar que o movimento de Jesus é inclusivo, sendo que toda e qualquer pessoa, independente de sua etnia, condição social e sexual, está convidada a viver a vida segundo o Espírito de Deus.

Nesse conceito evangélico de comunidade vislumbra-se o papel fundamental das mulheres, visto que Jesus às incluía como discípulas ativas e participantes em tais comunidades, mesmo que o tempo histórico, cultural e religioso nessa época, as mulheres não fizessem muita diferença na sociedade o que tornava pouco convencional estarem numa estrutura completamente patriarcal ao lado do Mestre.

POSSIBILIDADES E LIMITES

Além da Bíblia, livro por excelência da reflexão da condição humana na perceptiva divina, nos documentos da Igreja, pode-se identificar alguns elementos que vem assegurar literalmente uma riqueza de possibilidades apesar do contexto patriarcal. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Apostolicam Actuositatem* (n.1366) afirma:

Os leigos exercem seu apostolado múltiplo tanto na Igreja quanto no mundo. Em ambas essas esferas abrem-se campos diversos de atividade apostólica. Dentre eles queremos lembrar aqui os mais importantes, como sejam: as comunidades da Igreja, a família, os jovens, o ambiente social, a esfera nacional e internacional. Uma vez, porém, que em nossos dias as mulheres, cada vez mais, tomam parte mais ativa em toda a vida da sociedade, é de grande importância sua participação mais ampla também nos vários campo de apostolado da Igreja.

E, novamente, é digno de menção o Concílio Vaticano II e sua Constituição Dogmática da *Lumen Gentium* (n. 30) onde diz:

(...) todas as coisas que se disseram a respeito do Povo de Deus se dirigem igualmente aos leigos, aos religiosos e aos clérigos, algumas, contudo, pertencem de modo particular aos leigos, homens e mulheres, em razão do seu estado e missão; e os seus fundamentos, devido às circunstâncias especiais do nosso tempo, devem ser mais cuidadosamente expostos. Os sagrados pastores conhecem, com efeito, perfeitamente quanto os leigos contribuem para o bem de toda a Igreja. Pois eles próprios sabem que não foram instituídos por Cristo para se encarregarem por si sós de toda a missão salvadora da Igreja para com o mundo, mas que o seu cargo sublime consiste em pastorear de tal modo os fiéis e de tal modo reconhecer os seus serviços e carismas, que todos, cada um segundo o seu modo próprio, cooperem na obra comum. Pois é necessário que todos, «praticando a verdade na caridade, cresçamos de todas as maneiras para aquele que é a cabeça, Cristo; pelo influxo do qual o corpo inteiro, bem ajustado e coeso por toda a espécie de juntas que o alimentam, com a ação proporcionada a cada membro, realiza o seu crescimento em ordem à própria edificação na caridade (Ef. 4, 15-16).

Considera-se tais movimentos, em especial as CEBs, como meio de desenvolvimento de uma nova forma de se pensar as relações humanas e, certamente, pensar Deus e sua relação com suas criaturas. Portanto, identifica-se nestes movimentos possibilidades de um novo tempo para as mulheres, da percepção da distorção da sua verdadeira imagem e de sua essência humana – ‘imagem e semelhança de Deus’ - da mesma forma que o homem.

Se esses movimentos envolvem uma participação ativa das mulheres como agentes de transformação de estruturas de discriminação numa cultura patriarcal, essa seria a grande possibilidade da mulher se constituir como sujeito histórico com seus deveres, mas também com seus direitos, sobretudo o direito de ser diferente do homem sem ser desigual.

Segundo Woodhead (2002), na falta de teorias alternativas no estudo da religião, a abordagem feminista tem uma enorme importância por sugerir que temas como religião e mulher, por exemplo, supõem atenção ao

patriarcalismo sempre presente em toda a realidade humana sugerindo que a religião é patriarcal, planejada e executada por homens, legitimando interesses masculinos que subjuguem as mulheres. No entanto, também é preciso saber se essa abordagem reforça esse patriarcado ou o enterra, já que se trata do legado duradouro da abordagem feminista com essa problemática.

Entretanto, de acordo com Ribeiro (2013), um dos grandes aspectos limitantes das CEBs é sua pertença a uma estrutura eclesial historicamente patriarcal. O problema, segundo ela, é legitimar essa estrutura histórica e humana na qual as mulheres se encontram subordinadas a partir de um desígnio sagrado e espiritual. Portanto permanecem nas CEBs relações de desigualdade apesar do esforço e da luta das mulheres.

CEBS: A GÊNESE DO PROTAGONISMO DAS MULHERES NA IGREJA

No Brasil, no início da formação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) em meados dos anos de 1968, muitas mulheres iniciaram sua participação ativa dentro da Igreja. Apesar da conquista ser grande ainda não se tinha, naquele tempo, consciência da sua dimensão. Em 1990 o Papa João Paulo II passou a dar atenção às mulheres, em especial no Brasil, ao mandar uma mensagem por ocasião do início da Campanha da Fraternidade em que menciona que a mulher e o homem são igualmente *Imagem de Deus*. Junto a isso, o Papa deixa um apelo às mulheres para “caminhar na fé, na caridade e numa união mais perfeita com Deus”, pois a mulher é chamada a construir um mundo novo participando na vida social e na vida e santidade da Igreja.

Papel fundamental para as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a Teologia da Libertação impulsionou junto à Igreja o nascimento de vários

grupos de esquerda, movimentos populares e de mulheres militantes. Sob essas ações muitas organizações começaram a ganhar força. Em uma característica reflexiva religiosa e política, a Igreja reunia mulheres interessadas na busca dos seus direitos sem esquecer os princípios no campo familiar e moral, reforçando assim seus papéis de mãe e esposa.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são um novo modo de ser Igreja originando-se de diversas formas: por iniciativa de pessoas vinculadas a organizações cristãs; por grupos bíblicos; por iniciativa de um sacerdote, uma religiosa, um leigo ou uma leiga. As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nasceram da vontade das pessoas em transformar o social com a vivência concreta da fé, ou seja, dar ao compromisso social um ar mais cristão, pois segundo o Pe. Gregório Iriarte (1992, p. 29) “o mundo não é feito para a Igreja, mas a Igreja é feita para o mundo”.

A principal característica das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) é o protagonismo dos leigos na construção de formas próprias de religiosidade através de sua cultura, pois em sua maioria elas são formadas em áreas rurais, populares urbanas e pobres. Entretanto é bom lembrar que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) não são um grupo de associações, de estudos, reflexões e discussões, nem um clube, nem isolado ou de protesto, mas de crentes que reunidos, respeitam e promovem a vivência de todos os aspectos da Igreja.

Podemos, portanto, afirmar que a participação das mulheres na vida da igreja começa uma etapa nova com a renovação do Concílio Vaticano II e com as Conferências Geral do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968) e Puebla (1979). Ela começa aos poucos identificar-se não somente como operadora de atividades (catequese, por exemplo), mas alguém capaz de ações transformadoras. Começa a ter reflexão libertadora, daí que a participação das mulheres nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) torna-

se aos poucos um incentivo de um compromisso ainda maior da vivência de sua fé e na capacidade de abrir caminho para uma sociedade mais humana.

Em 1988, o Papa João Paulo II faz uma Exortação *Chistifideles Laici* sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, onde menciona:

A mediação sobre os fundamentos antropológicos e teológicos da condição da mulher deve iluminar e guiar a resposta cristã à pergunta tão comum e, por vezes, tão aguda, sobre o <espaço> que a mulher pode e deve ter na Igreja e na sociedade.

As mulheres aderem às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) por entender que nelas é possível construir uma nova ordem social na qual elas também terão seu espaço e reconhecimento. Assim sendo, pode-se dizer que o grande objetivo destas comunidades não era em primeiro plano reivindicações de mulheres, mas sim lutas comunitárias em favor do outro, sobretudo dos oprimidos e mais necessitados da sociedade. Havia nestas o grande ideal de transformação das realidades das comunidades e aos poucos foram entendendo que existiam seus próprios problemas, específicos e urgentes. Portanto, podemos dizer que as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) oportunizam às mulheres um grande momento de pensar a si mesmas por si mesmas na sociedade e na igreja e porque não dizer, na cultura e na história.

Nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) as mulheres sentem-se motivadas a transformar a realidade social, partindo do princípio do crescimento pessoal –do desejo forte em participar, trocar ideias - aguçando assim o senso crítico de aprender, analisar e compreender a realidade da sociedade em que se vive para resolver as necessidades de seus membros.

A mulher participante nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) se move prioritariamente na direção do outro, e nesse movimento ela se

descobre como o “outro” e começa a se olhar com estranhamento. Consequentemente, a luta pela igualdade é uma questão de coerência com os próprios princípios do movimento na qual está inserida. Assim expressa Ribeiro (1998),

Ao afirmar-se como ‘uma nova forma de ser Igreja’- enquanto comunidades de irmãos e irmãs, marcadas pela dimensão da participação e da libertação integral - as CEBs são contrárias a todo tipo de opressão. *Importa que a Igreja faça (nas CEBs) um ensaio do Reino, onde homens e mulheres possam viver em mútuo respeito e igualdade.* [...]

Lembra a mesma autora que a cartilha elaborada por membros das CEBs, reitera que “[...] as CEBs procuram ser espaços onde homens e mulheres experimentam uma nova maneira de se relacionar. Vão descobrindo seu papel social, buscam tratar-se na igualdade e respeito. Formam uma nova consciência de que é juntos que irão construir uma sociedade sem dominação, sem submissão” (CARDOSO, Apud, RIBEIRO, 1997).

Igualmente, a mulher passa também a ter um olhar de igualdade voltado para o sexo oposto, não com superioridade, capacitada a aumentar o diálogo familiar e agir na sociedade com competência para realizar trabalhos públicos, despertando a necessidade de sua atualização.

O reconhecimento que as mulheres demonstram no desempenho dos processos e avanços da sociedade vêm ganhando atenção e reconhecimento mundial, já que o feminismo visa, através da história da mulher, demonstrar a necessidade da superação de várias dificuldades em diferentes formas de discriminação.

Ainda assim, mesmo com o surgimento de movimentos feministas e da conscientização de muitos, há a necessidade de uma consciência pessoal e

individual de cada mulher, já que se encontram numa resistência machista, pois o que as mulheres realizam nas comunidades são chamados trabalhos de base – de sustentação, a fim de estabelecer a promoção local e a conscientização permanente – como na catequese, celebrações, na preparação dos sacramentos, nas pastorais, dentre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma passiva com que as mulheres viviam historicamente, apenas como companheiras e ajudantes dos homens, excluídas de todos os afazeres externos e ministérios eclesiais e, posteriormente, diferenciadas em relação à eles, não avançou completamente.

A grande importância dos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) para o protagonismo das mulheres na Igreja, não se trata apenas da luta por direitos na sociedade, mas pelo reconhecimento da sua dignidade humana e de sua grande contribuição para a Igreja. Essas comunidades oportunizaram às mulheres pensar sua singularidade e, principalmente, o direito à igualdade; portanto, para além dos limites, inauguram uma as quais também constitui essa mesma Igreja.

Evidente que abordar a temática de gênero requer um maior aprofundamento diante de uma sociedade patriarcal. No entanto, fica claro que, mesmo sendo vedado o sacerdócio às mulheres, hoje elas ocupam um papel fundamental na Igreja, sendo que podemos dar destaque: Madre Teresa de Calcutá (fundadora da congregação "Missionárias da Caridade", tornando-se conhecida ainda em vida pelo cognome de "*Santa das sarjetas*"), Paulina Jaricot (fundadora da Obra Missionária Pontifícia da Propagação da Fé), Zilda Arns Neumann (criadora da Pastoral da Criança e da Pessoa Idosa), Chiara Lubich (fundadora do Movimento dos Focolares), Irmã Dorothy Stang (símbolo da defesa ao meio ambiente e ajudante no estabelecimento

da Comissão Pastoral da Terra), a teóloga Maria Clara Bingemer (promotora do diálogo ecumênico e inter-religioso) e muitas outras que não se cansaram em transformar nossa Igreja numa Igreja renovada comprometida com construção do Reino de Deus; Reino esse das inclusões e não exclusões, das igualdades de direitos e reconhecimento da dignidade humana e onde todos são protagonistas de própria história.

REFERÊNCIAS

BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BÍBLIA de Jerusalém (A). São Paulo: *Paulus*, 2002.

BOFF, Clodovis [et al.] **As comunidades de base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1994.

BOFF, Clodovis. **Introdução à Mariologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CARDOSO, et all. **CEBs, mudar para viver: os desafios do Novo**, que faz uma leitura da caminhada das CEBs a partir da experiência do Nono Interclesial. 1997.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE. Mensagem do Papa João Paulo II por ocasião do início da CF 1990 no Brasil. Site Vaticano. Acesso em 23/02/2014.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. **Constituições, decretos, declarações**. Petrópolis: Vozes, 1968.

II CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Conclusões de Medellín, 5 ed. São Paulo: Paulinas, 1984.

III CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. 8a ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

V CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, 6ª edição, Brasília e São Paulo, Edições CNBB/ Paulus/ Paulinas.

2007.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL. **Christifideles Laici. Sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo**. Papa João Paulo II. Site Vaticano. Acesso em 23/02/2014.

ERICKSON, Victoria Lee. **Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulinas, 1996.

FIORENZA, Elizabeth S. **As origens cristãs a partir da mulher**. São Paulo: Paulinas, 1992.

GREGORY, Afonso. **Comunidades Eclesiais de Base**, Petrópolis: Vozes, 1973.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.) **Tendência e impasses. O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.

IRIARTE, Gregório. **Um novo modo de ser Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1992.

KÜNG, Hans. **La mujer en el cristianismo**. Madrid: Editorial Trotta, S.A., 2000.

LEORETO, Massimiliano. **CEBs: gente que se faz gente na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987.

NAÏDENOFF, Georges. **Paulina Jaricot. “Eu vibrava, vivendo a minha própria vida”**. Edição em cargo da Pontifícias Obras Missionárias do Brasil. Paris: Médiaspaul, 1986.

PENNA, Antonio Gomes. **Introdução à motivação**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

REIMER, Ivoni Richter & SOUZA, Carolina Bezerra de. **As mulheres: modelo de seguimento no movimento de Jesus e na Igreja**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP –v.1. n. 2012 - disponível in; file:///C:/Users/Microsoft/Downloads/175-496-1-PB.pdf, acessado em 20 de agosto de 2014.

RIBEIRO, Lúcia. **Nos meandros da caminhada: a questão de gênero nas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs** – disponível in <http://seer.ufrgs.br/CienciasSociaiseReligiao/article/viewFile/2261/966>, acessado em 26 de julho de 2014.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. **A força transformadora social e simbólica das CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1997.

RUETHER, Rosemary R. Sexismo e religião. **Rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Sinodal, 1993.

TAMEZ, Elza. **As mulheres no movimento de Jesus, o Cristo**. Tradução Beatriz Affonso Neves - São Leopoldo: Clai/Sinodal, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. [et al.] **CEBs, cidadania e modernidade: uma análise crítica**. São Paulo: Paulinas, 1993.

ZIRBEL, Ilze. **Movimento Feminista Brasileiro / Movimento de mulheres. Uma versão histórica**. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Polótica da UFSC, Florianópolis, 2007. Capítulo 1 e 2.

WOODHEAD, Linda. **Mulheres e gênero: uma estrutura teórica**. *Revista de estudos de religião*. no 1 / 2002. Acesso em 23/02/2014.

Submetido em 17 de agosto de 2014

Aprovado em 21 de outubro de 2014